



## CONCEITUAÇÕES LUKACSIANAS SOBRE A TIPOLOGIA DO HERÓI: MACABÉA, UMA HEROÍNA PROBLEMÁTICA

Sheyla Maria Lima Oliveira

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB) [oliversheyla@hotmail.com](mailto:oliversheyla@hotmail.com)

**RESUMO:** Este artigo tem como foco principal analisar o perfil problemático da personagem Macabéa, no livro da escritora Clarice Lispector: *A hora da estrela*, publicado em 1977. A abordagem mostrará o perfil problemático da heroína Macabéa que vive um conflito de inadequação, marcado pelas observações do narrador Rodrigo S.M., através do qual podemos focalizar o recurso ao fluxo de consciência tão presente nas obras lispectorianas. O romance será analisado à luz do conceito do herói problemático ou demoníaco formulados por Georg Lukács, presente na obra *Teoria do romance* (2000). Obra esta, que caracteriza o romance como um gênero intimamente associado ao advento da burguesia. Também utilizaremos, quando necessário, os conceitos de Walter Benjamin no ensaio *O narrador* (1994), no qual o filósofo nos fala do indivíduo isolado, angustiado e fragmentado, que está representado no romance moderno. Para Benjamin, o romance moderno nos faz questionar o sentido da vida, desencadeando, desta forma, novas técnicas de escrita como o fluxo de consciência, técnicas que são visivelmente utilizadas por Lispector. A análise, por conseguinte, se acerará do conceito da construção da identidade feminina a partir dos conflitos interiores de Macabéa. A obra em estudo ainda tematiza o conflito entre o “eu” e o mundo, dando voz às marcas de individualidade do sujeito, traço dominante no romance moderno. Assim, a trajetória da personagem Macabéa, impotente diante da realidade, será elucidada a partir de teorias pertinentes que marcam a escrita tanto psicológica como social de Clarice Lispector. Nossa pesquisa é de cunho bibliográfico.

**Palavras-Chave:** Macabéa, feminino, interioridade, conflitos, Lukács.

### 1. INTRODUÇÃO

Quando lemos e analisamos o romance moderno vemos que este se renova permanentemente, e que não é mais possível construir, como na epopéia antiga, um herói clássico regido pela valentia, fortaleza e senso de justiça. É isto, aliás, que nos conta Walter Benjamin.

Para o crítico, o fim da narrativa deriva dos novos modos de produção do capital, que exige agora uma nova forma de narrar. Dessa forma, segundo o autor, surge o romance que, nascido no seio das forças burguesas, tratará

de expor os limites e as possibilidades do homem moderno. Assim, o romance, segundo Benjamin (1994), vai representar o indivíduo isolado, angustiado e fragmentado, ou seja, em oposição à ideia de totalidade propugnada pela epopéia.

Neste âmbito, se acha a escrita fragmentada de Clarice Lispector. A autora explora o fluxo da consciência das personagens para fazer valer o isolamento do eu em relação à exterioridade do mundo. Este isolamento se torna muito marcante na obra *A*



*hora da estrela*, publicada em (1977), quando a personagem Macabéa é representada numa relação de total inadaptação com o mundo. Nesta perspectiva, a teoria crítica do herói problemático, formulado pelo húngaro Georg Lukács em seu livro *Teoria do Romance* (2000), caberá perfeitamente em nossa análise na abordagem do percurso problemático da personagem Macabéa.

Para a elaboração de sua obra, Lukács parte da distinção do mundo da epopéia, para depois tratar do mundo do romance. Desta forma, o teórico desenvolve os conceitos de herói épico e herói problemático.

Para Walter Benjamin (1994) o surgimento do romance vai culminar com a morte da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele sabe, enquanto que o romance não tem essa característica. O romancista descreve o incomensurável numa vida humana, desse modo, o romance encontra na burguesia, no capitalismo nascente, o terreno propício ao seu desenvolvimento.

O romance se desenvolve a partir de uma situação na qual indivíduos isolados estão postos em condições de uma escassa partilha de valores comunitários, característica marcante do romance moderno. “A origem do romance” escreve Benjamin, “é o indivíduo isolado, que não pode mais exemplarmente falar de suas preocupações

mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los” (Benjamin, 1994, p. 201). A nossa personagem em estudo é fruto destas forças romanescas, uma vez que Macabéa esta longe de ser um exemplo ou um modelo a ser seguido. Isolada, feia, ignorante, a personagem, numa ultima palavra, aparece inábil e incapaz de reconhecer-se e ser reconhecida pelos valores do mundo.

Em um mundo dominado pelas forças do mercado, com suas ideologias cegas, mas sedutoras, Macabéa sentia-se permanentemente apartada deste mundo. Precisamente a não compreensão de si nas várias esferas da vida, enquanto mulher, nordestina, pobre e feia em um mundo, como nos diz Lukács, “desalmado”, desencadeará todo o sentido de sua problemática enquanto heroína.

Em *Lukács e a Literatura* (2003), Maria da Glória Bordini salienta ainda que, como ideia e mundo são entidades separadas, surge o que Lukács chama de herói problemático, uma vez que ele percebe o ideal como algo inacessível, inexistente na realidade e vê a prática sempre como um problema. Nesse sentido Bordini nos apresenta:

Num mundo abandonado por Deus, o homem, entregue ao demônio, na sua fúria consegue elevar-se sobre a inércia a que tende a existência satisfeita



consigo mesma. Batendo-se contra a “transparência vazia”, esse herói só pode vislumbrar a plenitude, mas não a alcança. (BORDINI, 2003, p. 45)

Georg Lukács (2000) apresenta esse herói demoníaco a partir do idealismo abstrato, ao tratar desse assunto ele defende que:

O caráter demoníaco do indivíduo problemático que, combativo, sai a campo é claramente manifesto, mas ao mesmo tempo sua problemática interior vem à luz de modo menos gritante; à primeira vista, seu fracasso no contato com a realidade tem mais a aparência de um mero fracasso exterior. O demonismo do estreitamento da alma é o demonismo do idealismo abstrato. (LUKÁCS, 2000, p. 99)

Em *A hora da Estrela* (1998), Lispector narra à história da personagem Macabéa, uma nordestina pobre vivendo “em uma cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 2008 p. 15). É fazendo uso de predicativos como feia, pobre, ignorante e solitária, que o narrador Rodrigo S. M. descreve nossa protagonista. Macabéa ainda carrega em si as marcas do êxodo rural, representando assim o problema da migração e da péssima adaptação do nordestino ao meio urbano do sul do país, onde ele se choca com diferentes valores sócio-econômico-culturais.

Nesse sentido, as ideias do húngaro Georg Lukács surgem como suporte para a interpretação em torno do percurso investigativo da personagem Macabéa, onde se procura evidenciar o caráter problemático da inadequação entre a sua interioridade e o mundo exterior, advindo do conceito do idealismo abstrato formulado na *Teoria do romance* lukacsiano.

Assim, nosso trabalho aqui consiste, fundamentalmente, em abordar a problemática do herói lukacsiano na protagonista do romance social de Lispector, *A hora da estrela* (1998), que, será referido no trabalho pela sigla HE. A análise desta heroína será pautada no seu discurso, bem como nas observações e comentários do narrador Rodrigo S. M. que faz um relato distante, crítico e protocolar da personagem Macabéa. O narrador é onisciente, ou seja, se apresenta apontando as limitações da personagem Macabéa, a fim de tencionar ao máximo o fosso entre a heroína e as expectativas do mundo.

A análise, por conseguinte, se acercará do conceito da construção da identidade feminina a partir dos conflitos interiores de Macabéa, os quais decorrem de uma certa expectativa em relação aos atributos ideais femininos. Analisaremos esses embates, revelados na obra, através do perfil da nordestina (feia, pálida, sem educação etc.),



que não corresponde aos atributos femininos apreçados pelo mercado. Este preconiza a beleza exterior, o *status* e a boa fala. Macabéa, entretanto, não possui nenhum destes atributos.

## **2. CLARICE LISPECTOR: DA PROSA INTIMISTA A TÔNICA DO SOCIAL EM MACABÉA**

Massaud Moisés (2008) ao falar do Modernismo, na obra *História da Literatura Brasileira* reporta-se à obra de Lispector afirmando que: “a ficção de Clarice Lispector, rebelde ao artifício, pulsa duma ‘verdade’, a verdade específica da Arte, em que a Vida, o Mundo e o ‘eu’ se representam e se reconhecem.” (MOISÉS, 2008, p. 347).

Com efeito, a linguagem experimental de Lispector e a técnica do intimismo intenso trouxeram uma renovação inegável à produção literária. Em relação ao tema, Bosi escreve: “o uso intensivo da metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o enredo factual têm sido constantes do seu estilo de narrar.” (BOSI, 2003, p.424). Como vemos, Bosi revela a linguagem incomparável da escritora através da qual as personagens femininas aparecem marcadas pelo conflito interno, mas este, ao contrário das abordagens eminentemente psicanalíticas, não está desarticulado dos papéis sociais que condicionam as suas existências.

A propósito dos escritos clariceanos, Antonio Candido afirma que “Lispector procura fazer da ficção uma forma de conhecimento do mundo e das idéias” (CANDIDO, 1970, p. 126). Desse modo, a palavra em Lispector se torna constantemente uma busca existencial do próprio eu.

Ao contrário das obras anteriores de Lispector, HE (1998) explicita problemáticas sociais marcando, como já acentuamos, a situação do migrante nordestino numa metrópole do Sudeste onde o capitalismo é quem dita às regras. Assim, Macabéa traz à tona uma alienação cultural e uma marginalização social que são agravadas pela sua condição de mulher. A partir desse momento cresce, na ficção de Clarice Lispector, uma preocupação com o social, paralela à construção de gênero numa relação com um mundo dominado pelas estruturas de poder. Diante do papel que a obra representa socialmente o narrador Rodrigo S. M., empenhado em provocar o desconforto, adverte ao leitor – este supostamente rico e acomodado – sobre os mecanismos de escapes e da vida massacrante da média burguesia:

Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia. Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo que é novo assusta. (LISPECTOR, 1998, p. 30).

O último romance lispectoriano incorpora e desenvolve temas que parecem sempre terem sido preocupação de Lispector, e que refletem essa sociedade burguesa-capitalista, tais como o problema da representação do feminino, o conhecimento através de uma linguagem literária socialmente engajada e a marginalização das classes sociais oprimidas, encarnada na personagem Macabéa. Através da personagem, o narrador focaliza o problema da desigualdade de classe “constato que a pobreza é feia e promíscua.” (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Para Antonio Candido (1970), o escritor não é apenas um indivíduo capaz de exprimir sua originalidade, mas alguém que desempenha um papel social e corresponde a certas expectativas dos leitores. Lispector faz isso muito bem, já que provoca uma reflexão em torno da tensão eu e realidade. Neste ponto, poderemos perguntar: quantas Macabéas não existem por aí? Em seu livro *Literatura e sociedade* (1970), Candido enfatiza: “verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de

cada civilização em que ocorre.” (CANDIDO, 1970, p. 29). Nessa perspectiva, a obra assume a dimensão do social onde o externo se torna interno mantendo-se, dessa forma, uma relação dialética entre texto e contexto. Vejamos mais uma vez o que nos diz o crítico: “o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” (CANDIDO, 1970, p. 13).

A nordestina que inquieta o narrador, encarna essas forças sociais desiguais: marginalizada, oprimida e migrante, Macabéa faz parte da galeria de mulheres que ficaram à margem da indústria da beleza e do *status* que a sociedade materialista impõe. Lispector, trilhando por outros caminhos ao apresentar a garota do interior tragada pelo turbilhão da cidade grande, nos fala dessa escrita diferenciada que utiliza em HE, através do narrador-personagem Rodrigo S.M.:

Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer “realidade”. [...] É. Parece que estou mudando de modo de escrever. Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou um profissional – e preciso falar dessa nordestina senão sufoco.



(LISPECTOR, 1998, p. 17).

### **3. A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NAS OBRAS CLARICEANAS**

Na década de 1960 surgiram grupos que contestavam a cultura e os costumes da sociedade daquela época, os quais eram questionados. O movimento feminista é fruto dessa contracultura, o qual favorecia igualmente a rebeldia nesse contexto histórico que fortaleceu a luta pelo avanço da liberdade e emancipação da mulher. Clarice Lispector não participou ativamente dessas lutas, mas, através de sua escrita inovadora, visto que a literatura é também uma força de resistência, testemunhou esse momento histórico, denunciando várias problemáticas sociais, inclusive a terrível ditadura militar. Nessa perspectiva, a escrita clariceana com suas personagens majoritariamente femininas, fazia parte das mudanças de paradigmas pelas quais passavam as mulheres das décadas 60 e 70. Maria José Somerlate Barbosa em *Clarice Lispector: des/fiando as teias da paixão* (2001) faz uma leitura da obra clariceana, através da qual afirma que a literatura de Lispector extrapola os limites impostos pela sociedade patriarcal:

A sua literatura apresenta, concomitantemente, a resistência das

personagens à norma patriarcal e aos parâmetros sociais que levam as mulheres a incorporarem os mecanismos opressores a que elas tentam resistir. Vistos por essa perspectiva, seus textos se tornam contrapontos que desestabilizam qualquer posição de dominação até mesmo dentro do texto. (BARBOSA, 2001, p. 12).

Gotlib em sua obra *Clarice: uma vida que se conta* (1995), nos informa que foi através da emergência da crítica feminista nos Estados Unidos e na Europa durante a década de 1970 e com as discussões na sociedade brasileira sobre a questão da mulher e seu papel social, que surgiu os estudos que enfocam a questão do feminino e a dimensão feminista lispectoriana.

Sônia Roncador na obra *Poéticas do empobrecimento: a escrita derradeira de Clarice* (2002) nos explica que com o tempo e com as mudanças histórico-sociais a aparência física das heroínas clariceanas vai sofrendo alterações, passando de uma mulher estudada, bela e idealizada pertencente à classe média, – podemos citar como exemplo a personagem Ana do conto “Amor” na obra *Laços de Família* (1960) –, para uma mulher que possui imperfeições físicas, pobre, marginalizada e nada atraente do tipo Macabéa, do romance aqui analisado HE (1998).



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sabemos que a escrita feminina “rasura” o universo pensante masculino. A partir dessa visão aos poucos Lispector abriu as portas da literatura brasileira à perspectiva feminina com uma narrativa marcada por personagens transgressoras, mulheres em conflito, dilaceradas pela dúvida, contraditórias e intensas.

Podemos considerar a personagem Ana de *Laços de Família* (1998) como uma tradicional pequena burguesa que tem preconceitos gestados na e pela sociedade da década de 50, faltando-lhe uma consciência crítica: “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas.” (LISPECTOR, 2008, p.19). Para a personagem central do conto “Amor” o casamento dava sentido à sua vida. O modelo feminino aparece pautado pelos valores da sociedade patriarcal, que impunha ao ser social das mulheres a obrigação de ser mãe e esposa. Em suma, através destes papéis as mulheres poderiam ser reconhecidas socialmente.

Como a maioria das personagens femininas de Lispector, a narrativa de Ana é interiorizada a fim de visibilizar o sofrimento interno da personagem, pois esta se sente necessitada por espaços mais igualitários na sociedade dos anos 60. O anseio pela igualdade suscita as “náuseas”, que levam a personagem a pensar sobre esse mundo que a

cerca e, a compreender melhor o seu “eu” interior desejante.

Diferente de Ana, a protagonista de HE (1998), não sabe nada, vive apartada do mundo a sua volta, não se questiona. A técnica do fluxo de consciência de Macabéa, como bem já dissemos, é apresentada pelo narrador, além disso, a nordestina não possui os dotes femininos valorizados pelo mercado: “Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio.” (LISPECTOR, 1998, p. 27). Macabéa é considerada problemática porque não corresponde em nada aos valores projetados pela sociedade de consumo do Rio de Janeiro. O que é mais grave: a personagem nem se quer dar conta de seus problemas porque é incapaz de refletir: “Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável.” (LISPECTOR, 1998, p. 29). Este trecho é chocante porque traduz todo o poder compressor de uma estrutura e a dispensabilidade da personagem. Em HE (1998), Lispector opta por um perfil feminino outro, ou seja, negativo, totalmente construído às avessas do esperado, do socialmente aceitável. Esta construção, sem dúvida, explicita o fosso entre o sujeito e a degradação do mundo.

Ora, a situação de Macabéa está em consonância com os conceitos de Lukács (2000). Na obra de Lispector, observamos que o conflito entre os valores autênticos (a



busca de sentido das personagens) e o mundo (capitalista) inautêntico é trágico porque é insuperável, na medida em que não percebemos nenhuma força social capaz de transformar o mundo e realizar os valores autênticos. Nesse sentido, o conflito não encontrará solução. É o que destaca Samuel (1985) ao tratar das elaborações de Lukács:

Lukács estuda a forma romanesca caracterizando a existência de um herói problemático, isto é, o romance seria a história de uma investigação degradada (ou demoníaca), pesquisa de valores autênticos num mundo inautêntico (degradado). E se caracterizaria pela ruptura insuperável entre esse herói e o mundo, quando se dariam duas degradações: a do herói e a do mundo. (SAMUEL, 1985, p. 108-109).

Macabéa buscava amor, acolhimento, sinceridade, valores eminentemente autênticos, mas a heroína nordestina não os alcançava devido à realidade (inautêntica) na qual estava inserida e isso para Lukács (2000) é insuperável.

Embora as obras sejam de épocas diferentes, – ou seja, cada uma das personagens femininas de Lispector tem sua particularidade, de classe e de valores, – tanto Ana como Macabéa enfrentam um problema em comum que é estar na condição feminina. Há então um sofrimento particular na

qualidade de ser mulher. No caso da nordestina, o que agora nos interessa de perto, é este sofrimento que decorre de um mundo degradado, tornando Macabéa um ser inadaptável, mesmo grotesco e cômico, sendo, por excelência, um herói problemático.

#### **4. MACABÉA: UMA HEROÍNA DEMONÍACA DO IDEALISMO ABSTRATO**

Para Bordini (2003), “A obscura sujeição a realidade existente, privada de significação para o indivíduo determina o caráter problemático do herói do romance.” (BORDINI, 2003, p.24). Desta sorte, HE (1998) apresenta Macabéa com um “eu” dilacerado diante de um mundo no qual a heroína não encontra seu lugar.

As frustrações do mundo de Macabéa e o seu destino trágico constituem as estruturas formais do romance das quais Lukács nos fala. São justamente essas forças sociais de caráter contraditório que são descobertas em HE (1998) por Lispector, onde a personagem Macabéa encarna classes sociais marginalizadas pela sociedade moderna da época, pois a moça nordestina, migrante, ignorante, e profundamente solitária, é também mulher apesar de às vezes não se dar conta “A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol” (LISPECTOR, 1998, p. 28).



A nordestina adorava Marylin Monroe, por considerar a artista como uma mulher amada e exaltada como modelo de beleza e símbolo sexual: “Sabe o que eu mais queria na vida? pois era ser artista de cinema [...] Adoro as artistas. Sabe que Marylin Monroe era toda cor de rosa?” (LISPECTOR, 1998, p.53). Nesse trecho da obra podemos observar que Macabéa aparece como joguete das forças de produção do mercado. Ela deseja ser a imagem cultuada pela sociedade, por achar que só assim seria aceita no mundo, e quem sabe assim as pessoas iriam sorrir para ela na rua? A adoração por Marylin Monroe também traduz uma divergência existente entre as suas intenções e a realidade que lhe é hostil. Na *Teoria do romance (2000)* Lukács nos fala: “O caráter estranho e hostil que o mundo interior e o mundo exterior apresentam um para o outro não é abolido de forma alguma, mas unicamente reconhecido como necessário.” (LUKÁCS, 2000, p.83).

Tão ingênua que quem conhece a história de Macabéa, sente vontade de proteger a moça do mundo. Isto porque o ideal da personagem – tornar-se Marylin Monroe – expõe uma problemática de superação inalcançável, pois o mundo se torna maligno para a classe apartada na qual se encontra Macabéa. Estaria ela impotente e indefesa diante de uma realidade reificada.

Georg Lukács na *Teoria do romance (2000)* acentua que a psicologia do herói romanesco tem caráter demoníaco. Na personagem Macabéa esse caráter aparece precisamente pela inadequação entre a sua interioridade e o mundo exterior – tão enfatizada nesse trabalho – mas vale salientar que a nordestina não tem consciência que há essa oposição, ela não se realiza interiormente, por isso não protesta de verdade contra esse mundo exterior que não está preparado para receber Macabéa. Sua alma permanece imóvel, sem qualquer capacidade para aprender onde segundo Lukács: “Nem dúvida, nem busca, nem desespero capaz de a fazer sair de si e de a mover podem nascer nela, e os combates vãos e grotescos que trava para a sua realização no mundo exterior mantêm-se sem nenhuma influência sobre ela.” (LUKÁCS, 2000, p.120).

Ao analisar a personagem lispectoriana de caráter demoníaco percebemos que nenhum processo de enfrentamento por parte dela é possível. Macabéa era destituída não só de pensamento, mas também de ação: “Sua vida era uma longa meditação sobre o nada”. (LISPECTOR, 1998, p.38). A heroína problemática era impotente, pois para ela a realidade não significava nada. E se por algum momento Macabéa guardava sonhos



em sua interioridade, talvez fosse um sinal de protesto contra a realidade rude da moça, mas se era, este se fazia surdo. Embora inconsciente, essa moça que “nunca se viu nua porque tinha vergonha” (LISPECTOR, 2008, p. 22) encarna na sua pessoa uma contradição social que determina o seu trágico destino

Com base nas teorias Lukacsianas, percebemos que o herói problemático ou demoníaco está predestinado ao fracasso. O fracasso é uma característica estrutural do romance, pois são as forças sociais que se emancipam das intenções do escritor, determinando assim o destino do herói. Em HE é Macabéa que se torna objeto dessas forças sociais, ela que encarna uma classe em luta funde-se com a contradição social: “Enquanto isso, Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma,” (LISPECTOR, 1998, p. 82)

O que vai selar o caráter problemático de Macabéa é justamente a sua inaptidão para a vida, uma vez que a nordestina se apresenta como uma heroína incapaz de lutar, de interagir com os outros, de seduzir e até mesmo de pensar. Assim, a protagonista é destruída pelo mundo que ela não entendia e só realiza o sonho de ser estrela na hora da morte: “Então – ali deitada – teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o

abraço da morte.” (LISPECTOR, 1998, p. 85). Assim, mediante as teorias de Lukács, Macabéa conteria a força demoníaca do herói problemático, uma vez, como demonstramos que a relação inadequada com o mundo objetivo é crescentemente agravada por uma realidade cada vez mais aparente. Por isto, a forma romanesca é como afirma Lukács, estruturalmente irônica porque a falta de correspondência entre alma e realidade é absolutamente insuperável.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve em vista apresentar as ideias do húngaro Georg Lukács, bem como a concepção de romance moderno de Walter Benjamin, que serviram como suporte para interpretar o percurso investigativo da personagem Macabéa do romance *A hora da estrela* (1998) de Clarice Lispector. Através das formulações de Lukács procuramos destacar na personagem Macabéa o caráter problemático da inadequação entre a sua interioridade e o mundo exterior, advindo do conceito do idealismo abstrato formulado na *Teoria do Romance* (2000). Através do fluxo de consciência encaminhado pelo narrador Rodrigo S.M. e do discurso da própria Macabéa evidenciamos um conteúdo problemático que muito se afina com as formulações de Lukács.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Este mundo degradado, na obra em estudo, trata de apresentar diferenças sociais, às vezes vinculadas à questão do feminino. Com efeito, a personagem Macabéa, imigrante do sertão alagoano, feia, pobre e ignorante, é por excelência um herói problemático.

Enfim, este perfil de herói problemático desenvolvidos nas teorias de Lukács descreve com propriedade os valores do romance moderno que se encontra marcado pelo conflito e pela solidão. Clarice Lispector ressalta todos os aspectos desse romance através do fluxo de consciência e de sua linguagem fragmentada. Concluímos então que Macabéa, condenada à obscura sujeição da realidade existente, tem o seu caráter problemático determinado, pois a nordestina encarna os conflitos sociais até mesmo na hora de sua morte.

### 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/e00006.htm>> Acesso em 10 de setembro de 2012 as 18h00minh.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **Clarice Lispector: Desafiando as teias da paixão**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2001.

BENJAMIN, Walter. **O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai**

**Leskov**. In: *Magia e técnica. Arte Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORDINI, Maria da Glória. (Org.), [et al.]. **Lukács e a Literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 41º Ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 1970.

GOTLIB, Nádya Battela. **Os difíceis laços de família**. São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. **Clarice uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **"Amor" in. Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. Vol. III. Modernismo. Edt. Cutrix LTDA. São Paulo – SP. 2008 6ºed.

RONCADOR, Sônia. **Poéticas do empobrecimento: a escrita derradeira de Clarice**. São Paulo: Annablume, 2002.

SAMUEL, Rogel. **Arte e Sociedade**. In: *Manual de Teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.



# XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)